



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

MACHISMO, VIOLÊNCIA E FEMINISMO NA RODA: uma experiência de diálogo entre homens e mulheres a partir do reconhecimento do “lugar de fala”

Caroline Castanho Duarte (1); Alessandra Martins dos Reis (2); Luísa da Matta Machado Fernandes (3); Mariana Seabra Souza Pereira (4); Adriana Paula de Almeida (5)ⁱ

(1) *Universidade Federal do Sul da Bahia*, castanhoduarte.ba@gmail.com (2) *Fundação Oswaldo Cruz*, alemreis@hotmail.com; (3) *State University of New York at Albany*, luisa@mattamachado.org; (4) *Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz*, marianaseabrap@gmail.com; (5) *Ministério da Saúde*, adrianapaula.saude@gmail.com.

Resumo: Relato de intervenção feminista realizada por mulheres em um grupo afetivo político em maio de 2018. A intervenção consistiu em apresentar ao grupo político o resultado do questionário autoaplicado, desenvolvido e gerido por mulheres pertencentes ao grupo. São mulheres altamente escolarizadas que se utilizam de rede social e encontros para apoiar umas às outras. Após identificação de incômodos, sentimentos e dilemas comuns, as mulheres decidiram estruturar o processo de auto-conhecimento, utilizando como instrumento-intervenção um questionário *on-line* com cinco seções: dados gerais socioeconômicos; atuação profissional e acadêmica; engajamento social e ativismo político; experiências envolvendo machismo e violência; e maternidade. O potencial analisador da pesquisa impulsionou a partilha com o grupo misto, revelando o lugar de fala dessas mulheres com suas marcas, experiências e violências descritas. A análise dos dados juntamente com os homens no encontro presencial abriu espaço para emoções, reflexões e afetações diversas. A estratégia permitiu que cada tema fosse discutido de forma anônima mas também íntima, já que estavam falando de si em um grupo de confiança. Os temas mais impactantes para os homens foram os relatos de violências sofridas ao longo da vida e o quanto as mulheres sentem limitações para se colocarem livremente em espaços políticos e públicos. Posteriormente, os dados foram também analisados na rede social do grupo, em forma de relatório, o que permitiu um maior alcance e aprofundamento do debate. Apesar de muitos homens permanecerem calados, a ação foi considerada transformadora para homens e mulheres.

Palavras-chave: gênero, saúde coletiva, feminismo, lugar de fala, ativismo político.

Introdução

Quando um grupo de mulheres se dispõe a (re)construir o conhecimento, a partir de um olhar questionador para a realidade em que estão inseridas, passamos a ter um relato realista de nossas identidades e, a partir da compreensão das possibilidades sociais e políticas, torna-se possível intervir na sociedade de forma radicalmente realista (MOYA, 2001). Esse artigo relata a experiência de construir um grupo político de

mulheres feministas a partir de intervenção realizada em um grupo político misto de homens e mulheres.

O grupo político misto que recebeu a intervenção é composto por militantes que se identificam com a defesa da saúde pública e do Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil. Homens e mulheres nesse grupo possuem, em diversos graus, laços de amizade, intimidade, filhos, anos de trabalho em conjunto e relacionamentos de mais de uma década de



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

histórias e ideologias compartilhadas. O grupo se organiza através de redes virtuais e encontros presenciais desde o ano de 2016. Esses laços afetivos criam o espaço de confiança e respeito necessário para produzir política sob as perspectivas que o grupo se propõe.

Esse contexto facilitou que parte das mulheres pudessem se reconhecer umas nas outras na expressão de alguns incômodos, que foram por elas traduzidos no debate feminista sobre o lugar da mulher na política, e resultou na conformação do próprio coletivo de mulheres. As mulheres do coletivo *Adelaides*, batizado posteriormente, se identificaram fortemente por um querer comum: promover maior inclusão política das mulheres através de estratégias feministas de atuação no âmbito das instituições - de saúde, do poder executivo e legislativo, do universo acadêmico e dos movimentos sociais -, visando evidenciar e superar as desigualdades de gênero e a cultura machista que dificultam a participação livre das mulheres em seus respectivos campos de atuação e seus aspectos políticos.

A conversa que engendrou a criação do coletivo *Adelaides* partiu dos incômodos das mulheres na atuação política. Veio de um sentimento em comum, compartilhado entre algumas mulheres, durante um encontro

presencial do grupo político misto, realizado no mês de janeiro de 2018. Esse sentimento de incômodo poderia ser resumido na seguinte formulação: *por quê eu, mulher, não me sinto tão à vontade como eu gostaria para falar nesses encontros políticos como os homens?* As reflexões desdobradas desta roda de conversa rendeu um compromisso de auto organização paralela entre essas mulheres, e esse se tornou o início de um processo de reflexão, intervenção e produção de conhecimento que superaria as expectativas das mesmas.

Com o uso de aplicativo de conversa em rede virtual se conformou um diálogo duradouro de apoio umas às outras nas dificuldades sociais que tinham em comum por serem mulheres, inclusive no campo da atuação política e institucional, o que facilitou a auto organização e gestão das ideias do coletivo. Enquanto os debates variados ocorriam no grupo misto, relacionados ao tema das políticas de saúde, as *Adelaides* passaram a usar também o espaço próprio criado por elas para refletir, analisar e debater entre si esses e outros temas, e encontraram a liberdade que não sentiam no grupo com os homens. O espaço virtual serviu também a diálogos de hetero e auto análise, a partir das persistentes situações incômodas vividas por



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

essas mulheres e compartilhadas com o coletivo.

À medida que procuravam fazer essas análises, seja no grupo misto ou no coletivo, foram sendo convocados os "lugares de fala" nos debates e, ao aplicar este conceito em suas reflexões políticas, surgiu a necessidade de reconhecer e enxergar o "lugar de fala" do próprio coletivo *Adelaides*, para entender sua própria perspectiva, em sua pluralidade e diversidade de existência e discurso.

Segundo Djamilla Ribeiro (2017), o lugar de fala representa a perspectiva que dá origem ao discurso, desde onde cada pessoa, enquanto sujeito dentro da pirâmide social, formula suas ideias, se posiciona, enxerga e vive as experiências cotidianas e institucionais. Pensar em termos de *lugar de fala* em nossa sociedade desigual, permite trazer à tona perspectivas que rompem com a narrativa única da história, aquela que reflete unilateralmente o lugar de fala do homem branco moderno.

Vale destacar que o coletivo é composto por mulheres socialmente privilegiadas, sendo altamente escolarizadas, maioria branca, que atuam como profissionais de saúde engajadas em instituições e movimentos de assistência, gestão, pesquisa, docência e controle social. Na última década, a maioria destas mulheres esteve ativamente envolvida na construção de

políticas públicas para as mulheres, especialmente no campo da saúde, no âmbito federal e loco regional, bem como na implementação de órgãos executivos e colegiados que combinavam políticas de saúde, democratização institucional e política de defesa ao direito das mulheres.

Com essa caracterização, o coletivo poderia ser situado dentro da construção de uma quarta onda do feminismo brasileiro, concordando com a descrição de Marlise Matos (2010). A autora propõe e descreve a quarta onda como uma teoria política e movimentação que estaria ocupada com as dimensões políticas da justiça social, em que as mulheres estariam buscando

formas de vida que descentrem o trabalho assalariado e valorizem a atividades não-assalariadas, como o cuidado da casa; e que valorizem as formas femininas de resistência ao capitalismo, ao racismo e ao machismo (MATOS, 2010, p. 81)

Sabendo que a universalização da categoria "mulheres" pode ser excludente e, considerando que a perspectiva da representação política é comumente baseada no estereótipo da mulher branca de classe média, o coletivo entendeu, desde o início que, por ser formado majoritariamente por mulheres brancas, teriam limitações para discorrer e analisar sob a perspectiva das mulheres negras, já que o movimento feminista negro trazem outras questões, visto



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

que “trabalhar fora sem a autorização do marido, por exemplo, jamais foi uma reivindicação das mulheres negras ou pobres” (RIBEIRO, 2018).

Neste sentido, a ideia de uma pesquisa livre¹, auto aplicada, que pudesse revelar coletivamente as dificuldades vivenciadas por estas mulheres e ser útil à atuação política das mesmas, cresceu com as situações que ocorriam no espaço virtual do próprio grupo político misto que, em algumas vezes, era tomado por tensões do debate de gênero a partir de: falas machistas; críticas à monopolização do espaço pelas falas dos homens; desqualificação “sutil” ou escancarada da fala das mulheres; falas de mulheres ignoradas entre análises dos homens; homens falando com outras palavras o que uma das mulheres já explicitava na discussão; e diversas outras situações conhecidas no cotidiano de tantos outros grupos que propõe a troca de olhares entre mulheres e homens sobre diversos temas.

Para este coletivo de mulheres, pensar e re-conhecer seu(s) lugar(es) de fala através da criação de uma pesquisa que se desdobra em intervenção auto-aplicada serviu como um exercício de auto-conhecimento e auto-determinação que desencadeou, num segundo momento, um movimento coletivo de

produção de conhecimento. Como grande parte do grupo é composta por professoras e pesquisadoras, estruturar um questionário foi um caminho quase "natural", e usar das nossas vivências de movimentos sociais, especialmente do movimento estudantil, para conduzir uma roda de diálogo pareceu a melhor forma de potencializar a escuta com os homens. Os elementos práticos desta experiência aconteceram de maneira mais espontânea do que programada e serão analisados nesse artigo. A seguir, são destacados alguns aspectos considerados metodológicos na construção deste relato de experiência.

Percurso metodológico

Este relato foi construído a partir da visão das autoras e de outras mulheres que estiveram envolvidas na intervenção. Boa parte das ideias aqui expressas puderam ser previamente lidas e debatidas junto ao coletivo *Adelaides* e homens do grupo político misto.

Considerando a intencionalidade em apoiar e fortalecer a comunidade envolvida ao avaliar sua realidade e sistematizar seus desafios e potências nos contextos de vida, trabalho e militância, desenvolveu-se uma intervenção inspirada em pesquisas de natureza aplicada, buscando aproximar-se de

¹ Pesquisa livre: sem pretensão científica.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

uma exploração em profundidade da realidade expressa pela voz das mulheres e um processo de imersão e intervenção junto aos homens da mesma comunidade (ROMAGNOLI, 2014).

Desenvolveu-se uma intervenção cartográfica e analítica inspirada nos pressupostos da Pesquisa-Intervenção, pois tomou a realidade das participantes como foco, envolveu as participantes na própria construção, promoveu espaços de compartilhamento virtual e presencial no decorrer da intervenção e ainda possibilitou o aprendizado coletivo e colaborativo em todas as etapas (ROMAGNOLI, 2014).

Neste sentido, o artigo é o relato de uma experiência de intervenção que contemplou as seguintes ações: conformação de um coletivo de mulheres, construção de questionário *on-line*, autoaplicação do questionário, análise dos resultados em discussões presencial e virtual com a participação de homens do grupo misto e, por fim, a análise dos efeitos da experiência.

Resultados e Discussão

A escolha pelo questionário *on-line* como ferramenta da intervenção se deu pelos seguintes motivos: pela experiência prévia de algumas *Adelaides* com questionários *on-line*; para alcançar em um mesmo tempo as mulheres do coletivo que estão geograficamente dispersas; por ser facilmente

auto-aplicável e respondido pelas mulheres em um curto intervalo de tempo; e porque facilitaria que pudesse ser gerido e analisado coletivamente pelo próprio grupo com apoio da sistematização oferecida pelo próprio formulário.

O questionário *on-line*, foi coletivamente formulado e aplicado nos meses de abril e maio de 2018 pelas mulheres e para as mulheres do coletivo que, neste momento, tinha aproximadamente sessenta mulheres participantes. Destas, trinta e cinco responderam o questionário, todas de maneira anônima e com declaração de consentimento livre e esclarecido. E, mais do que isso, todas se envolveram diretamente nesta realização ou, ao menos, tiveram a oportunidade de se envolver.

O questionário foi formulado na plataforma *Google*, de maneira gratuita, e contou com cinco seções: a primeira com dados gerais e informações sobre o acesso aos direitos sociais básicos; a segunda seção traz questões sobre a atuação profissional e acadêmica, em especial na Saúde Coletiva; a terceira seção traz perguntas sobre o engajamento social e o ativismo político; a quarta seção faz indagações sobre experiências envolvendo machismo e violência; e a quinta e última aborda aspectos da Maternidade, apenas para quem tem



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

filhos/as. As seções do questionários e o teor das perguntas foram formulados a partir de conversas e estudos desenvolvidos pelas *Adelaides*.

Com relação aos resultados do questionário, será trazido aqui o recorte que trata da violência e situações de machismo enfrentadas por essas mulheres, por terem sido estes os principais temas de análise, e alguns outros dados de caracterização.

Em relação à carreira profissional e acadêmica, 67% das respondentes tinham mais de 10 anos de atuação no SUS, sendo que 43% das mulheres são médicas e 57% de outras profissões da saúde, principalmente da Enfermagem e da Psicologia. Com presença na área da Saúde Coletiva, 83% das mulheres atuavam nas áreas de Políticas Públicas, Planejamento e Gestão do SUS. As respondentes também se apresentaram muito ativas na área da docência, em Universidades públicas e privadas.

Outro dado que demonstra a característica da atuação política na carreira profissional destas mulheres, é que 80% das respondentes ocuparam cargos de chefia em algum momento, demonstrando alta inserção em cargos de tomada de decisão. Ainda assim, 66% das mulheres afirmavam que a maioria dos seus chefes imediatos durante sua vida profissional foram do sexo masculino.

Com relação a situações específicas consideradas machistas, 100% das mulheres já se sentiram discriminadas/prejudicadas por serem mulheres em suas carreiras e presenciaram outras mulheres enfrentando situações machistas nos ambientes de atuação profissional, política e/ou social. A maioria das mulheres revelou sentir dificuldades de conseguir a palavra em reuniões/discussões de trabalho.

Em relação à violência, o questionário revelou que 94% das mulheres declararam ter sofrido violência por ser mulher, nas seguintes proporções: violência psicológica (60%); violência moral (46%); violência sexual (29%); violência institucional (29%); violência obstétrica (26%); violência física (17%); e em menores proporções homofobia; violência patrimonial; racismo; e outras formas de discriminação. A maioria (91%) destas mulheres não denunciaram a violência que sofreram.

A intervenção junto ao grupo misto foi realizada em maio de 2018, quando as *Adelaides* incluíram na programação do encontro nacional uma roda para apresentação e análise dos dados da pesquisa livre. A metodologia foi simples: a apresentação dos gráficos e resultados sistematizados do questionário *on-line* para o público presente no encontro nacional. A sistematização dos



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

resultados foi realizada pela própria ferramenta disponibilizada pela plataforma *Google*, que organiza visualmente os dados coletados em forma de gráficos e tabelas.

A roda presencial funcionou a partir da apresentação das respostas do questionário com pausas para análise das informações. Estavam presentes 17 mulheres e 10 homens. Foram organizadas inscrições de falas que intercalaram mulheres e homens, numa tentativa ou busca de estímulo à participação igualitária entre presentes. Esse método de inscrições fluiu com leveza e sem imposições aos participantes, aparentemente disparando um equilíbrio saudável e desejável que não havia sido alcançado antes nas discussões em rede virtual pelo mesmo grupo. Neste encontro presencial misto, com as mulheres imbuídas dos sentimentos e das análises disparadas pelo questionário, os temas que mais geraram debate e afetação foram as respostas sobre situações de violência vividas pelas mulheres.

As mulheres que pensaram, produziram e responderam o questionário o entenderam como uma intervenção em si. O instrumento disparou reflexões individuais potentes, as palavras escolhidas para as perguntas foram acolhedoras e o contexto de criação coletiva convidou à participação sem, entretanto, impor a necessidade de uma resposta. O

anonimato do questionário permitiu que as mulheres se despissem do medo de desentendimentos e, sem receio de expor ninguém, usassem da sinceridade para mobilizar os sentimentos e opiniões. Ao se enxergarem nos resultados, a identidade do grupo se estruturou e deu início a um movimento crescentemente transparente de respeito às diferenças e similaridades internas ao próprio coletivo.

A trajetória prévia deste grupo misto, em movimentos sociais e políticos, na saúde e na educação, já apontava caminhos abertos à produção de uma aprendizagem significativa, que pressupõe respeito aos saberes prévios e vivências singulares, a escuta profunda, a humildade perante a “bagagem” e os diferentes olhares sobre a realidade e as diferentes possibilidades de deslocamento de cada pessoa no seu tempo (FREIRE, 1996).

Para um aprendizado significativo nesta roda, buscou-se a abertura dos homens, companheiros e amigos, a fim de despertar neles um desejo genuíno de mudança, de uma nova práxis, a partir do reconhecimento do seu lugar de (re)produtor das situações de desigualdade de gênero que estavam sendo reveladas pelo questionário.

Considerando que o coletivo *Adelaides* surgiu a partir das conexões produzidas no grupo misto, mas depois extrapolou e



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

transbordou dando novos sentidos e significados para a sua existência, o intuito das *Adelaides* era se afirmar enquanto coletivo autônomo sem perder a conexão e participação junto ao grupo misto, portanto, sem antagonizar os homens ali presentes. Ao colocar em pauta o debate do machismo presente no dia a dia das famílias e entre relações profissionais, as *Adelaides* quiseram tirar da invisibilidade o próprio protagonismo e os fatores que influenciaram suas atuações políticas. A violência sofrida por essas mulheres, institucional e pessoal, direta ou indireta, merecia ser denunciada, escancarada e compartilhada, esse era um consenso entre as *Adelaides*, a fim de provocar empatia, reflexão, desconforto, desconstrução, reconstrução e não ruptura/confronto.

Os resultados do questionário que produziram mais impacto no encontro presencial com os homens foram relacionados às violências sofridas pelas mulheres, especialmente as violências físicas e sexuais. Além da somatória resultante das questões fechadas, foram apresentados também os depoimentos que foram escritos nos campos abertos do questionário, onde algumas mulheres relataram claramente situações de violência física que sofreram e até estupros ou tentativas de estupro. Neste momento, algumas mulheres presentes na roda de

análise tiveram o desejo de relatar pessoalmente o que sofreram, o que fez homens e mulheres se emocionarem. Foi visível a comoção que provocou em alguns homens, que comentaram inclusive não imaginar que tamanha violência estava tão perto deles, que as mulheres que os cercam fazem parte desta triste realidade.

Com esses dados apresentados e discutidos a cada momento, a roda de análise dos dados durou pouco mais de duas horas. A roda permitia o desfazer de um espaço de autoridade, dominância ou poder. A condução das mulheres no seu papel protagonista foi fundamental para que a dinâmica fosse a partir da nossa vivência. Entretanto, o respeito a outra atividade programada no encontro presencial trouxe a necessidade de interromper o debate que depois foi retomado pelo aplicativo da rede social.

Em julho de 2018, o grupo misto no aplicativo da rede social estava com 82 mulheres e 73 homens, todos cisgêneros e a grande maioria brancos, residentes de 13 diferentes estados brasileiros. Em uma estatística feita pelo próprio grupo misto, do período de janeiro a junho de 2018 foi possível identificar que o quantitativo de mensagens enviadas por mulheres correspondeu a 34,7% do total de mensagens, enquanto o de homens representou 65% no



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

mesmo período. No dia em que os dados do questionário foram lançados para discussão do grupo misto, posterior a roda presencial, a interação das mulheres foi significativa, a pauta do grupo ficou com esta temática exclusiva durante quase todo o dia e foi a terceira pauta com maior interação do período analisado. A diferença de participação por gênero foi pouca, mas a participação masculina ainda foi maior. As Adelaides escolheram alguns gráficos estratégicos para discussão e o mais comentado foi o gráfico das violências sofridas pelas mulheres do grupo.

O grupo virtual das Adelaides funcionou nesse momento como apoio às companheiras que mantinham o debate aquecido no grupo misto. Esse suporte para que as mulheres se sentissem a vontade de falar no espaço foi fundamental.

A partir desta avaliação que se deu à distância, posterior à roda, com apoio do aplicativo de conversa, foi possível ver que alguns companheiros de militância saíram da intervenção impactados, percebendo que as questões do machismo estavam muito além da teoria e que sua prática de desconstrução é ainda insuficiente diante de uma sociedade patriarcal e opressora que suas companheiras enfrentam:

“Olha, eu faço política desde 2000... Essa manhã do último sábado foi um dos momentos mais marcantes na minha caminhada... Ver que 1/3 das nossas companheiras já sofreram violência, ouvir os relatos, captar os olhares angustiados ao falar sobre isso... Me impactaram profundamente” (fala de um homem durante a avaliação intervenção).

Na visão das mulheres envolvidas, elas fizeram isso acontecer: a partir de suas próprias vidas, de maneira exposta e também anônima, colocaram o machismo e o feminismo em pauta e convidaram os homens, companheiros de visão política, a ouvir, sentir e conviver com os sentimentos que vinham à tona em cada dado e história revelada.

Ainda que a metodologia desta experiência tenha funcionado, é possível imaginar outras possibilidades metodológicas, como aquelas já empregadas em espaços de educação, a exemplo das metodologias ativas de ensino e aprendizagem, que poderiam ser potentes para um espaço de organização política como este. Possivelmente as pessoas presentes no encontro seguiram os movimentos coletivos de espaços prévios de militância política, em que a tradição da construção de consensos através de inscrições e uma sequência linear de falas a partir de determinados temas é prevalente.

Porém, com a intencionalidade de desconstruir o machismo que há em nós, dar espaço às falas de todas as pessoas da roda e



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

não apenas as que se sentem “seguras” a se inscrever poderia facilitar uma participação ampliada. Possibilitar um método de escuta mais sensível, que pudesse captar as visões de todas as pessoas da roda, poderia ampliar a participação dos homens e das mulheres que ainda se sentem constrangidas pela tradição da dominação dos homens nos espaços públicos, bem como trazer à luz temas que não tiveram força para surgir.

Antes mesmo da intervenção no encontro presencial, a partir de tensões em discussões que se deram no espaço virtual, o grupo misto iniciou conversas sobre a necessidade de adotar como prática a comunicação não violenta² e realizaram a troca de materiais que pudessem apoiar o aprendizado colaborativo, saindo da posição de “ataque-defesa” e instituindo uma posição mais propositiva. Assim, para o momento presencial, partiu-se da premissa que a comunicação não violenta seria um exercício chave durante a roda, para a escuta e para a fala, para avançar enquanto coletivo.

Para o coletivo, a comunicação não violenta poderia significar uma escuta mais cuidadosa e empática, ao tentar olhar para as falas “automáticas” e carregadas de posturas

machistas com a possibilidade de um diálogo menos reativo, mas que pudesse apoiar a compreensão sobre os significados e os incômodos que tais falas produzem, especialmente nas mulheres, transformando julgamentos em pedidos claros de reflexão e transformação por parte dos homens (ROSENBERG, 2006).

A escuta exige empatia, que nem sempre está presente quando o que o outro fala pode atacar aquilo que está em nosso ser, ou deixa de nos reconhecer enquanto quem somos, enquanto mulheres. As contradições e diferenças entre as mulheres também são reveladas nesse momento. Os conflitos quanto a postura das mulheres frente ao que percebem como machismo e todo esse diálogo provocou um efeito de autoanálise nas Adelaides. Nem todas as falas dos homens foram fáceis de serem escutadas durante a intervenção presencial e também no debate virtual que deu sequência a atividade. Como exemplo dessas falas difíceis, podem ser citados dois momentos.

O primeiro momento foi diante a análise dos dados que refletiam sobre os desafios enfrentados pelas mulheres após a maternidade (dificuldades em retornar ao trabalho, com quem deixar os filhos para trabalhar, o tempo extenso de dedicação com o cuidado dos filhos e pouco

² A comunicação não violenta revela formas culturais de nos comunicarmos, com nós mesmos e com os outros, que favorecem choque de opiniões e conflitos de emoções dolorosas, para oferecer alternativas claras e cooperativas de comunicação (ROSEMBERG, 2006).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

compartilhamento dos pais nesta atividade, sobrecarga da mulher em conciliar trabalho formal, trabalho doméstico e cuidado com os filhos), quando homens comentaram feitos pessoais que comprovavam sua exitosa dedicação como pais, destoando, de certa maneira das informações que estavam em discussão.

O contraponto de histórias que podem ser consideradas exceção, se observado o universo de mulheres que vivenciam cotidianamente a maternidade de maneira tão solitária ou sobrecarregada, soou naquele momento como uma insensibilidade por parte dos homens, já que o foco eram as mulheres ali presentes.

O segundo momento se deu sobre o lugar da mulher na política e nas instituições. Aconteceu um debate sobre as razões da ausência das mulheres nos principais cargos de poder/decisão, visto que os dados apresentavam que mais de 80% das mulheres ocuparam cargos de chefia, mas em geral, de segundo escalão. Logo no começo da conversa houve opinião masculina atribuindo o fato das mulheres não estarem progredindo, sendo eleitas ou indicadas para os cargos superiores, à ausência de sororidade entre as mulheres que não estariam indicando outras mulheres para esses cargos. Além disso, foi trazido também a questão do "relógio

biológico da mulher" e as escolhas relacionadas à maternidade como dificultadores dessa ocupação de altos cargos.

Apesar da escuta solidária sobre as experiências e opiniões trazidas por parte dos homens, os desconfortos entre as mulheres foram visíveis e inevitáveis às conversas do Coletivo. Ou seja, se as mulheres não assumem papéis de liderança e destaque nos espaços de poder/decisão é por sua própria responsabilidade. Ficam em lugares subalternos porque desejam ou até porque querem priorizar a maternidade. E não porque existe uma estrutura na sociedade que as impede de estar nesses espaços. Essa lógica, a de culpar a mulher, serve também para intimidar ou para colocar umas contra as outras e assim, vendem uma ideia de que não é responsabilidade do homem e não tem nada que ele possa fazer para mudar essa realidade.

De outro lado, o silêncio de parte dos homens presente na intervenção, presencial e em sua sequência à distância, foi traduzido também como um incômodo pelas mulheres do coletivo. Isso porque, por trás do silêncio, poderia estar uma postura de não validação da fala das mulheres, especialmente quando um homem escolhia comentar a fala de outro homem do grupo e não da mulher que trouxe a informação originalmente. A ausência no



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

debate por parte de alguns homens muito ativos em outros temas foi perceptível.

Quando indagados, alguns homens justificaram o silêncio alegando um certo receio do julgamento e exposição das suas contradições, mesmo que em uma tentativa de deslocamento e desconstrução do seu machismo, traduzindo este medo pela “falta de acolhimento de algumas feministas mais raivosas”. Esse aspecto foi importante porque reverberou nas Adelaides e gerou uma reflexão e discussão sobre a forma da comunicação, sobre como ser mais acolhedora sem perder a firmeza, por reconhecer neles homens com disposição para a mudança.

Outra prática usada por alguns homens, e criticada pelas mulheres, é a evitação do debate sobre gênero, evidenciada no grupo virtual pela tentativa de mudar o assunto com uma postagem não relacionada ao tema, ou mesmo com algum tipo de brincadeira para “aliviar” a tensão, muitas vezes não respeitando o alerta de pauta fechada do grupo e a importância da temática para as companheiras de militância.

O debate presencial e a sua continuidade no virtual possibilitou uma abertura para discutir esse tipo de não validação do debate por parte dos homens, nos quais foi apontado como esse comportamento reforça a opressão do homem

sobre a mulher na sociedade, sendo necessário reconhecer e desconstruir o modo de comunicação, desde a escolha de palavras às atitudes.

Abade e Romaneli (2018) entendem que o homem precisa reconstruir a sua masculinidade diante dos conceitos de gênero que o movimento feminismo propiciou, saindo do seu papel tradicional de poder para relações interpessoais igualitárias, o que ocorre não de forma isolada, mas sim a partir da relação socialmente vivida de homens e mulheres.

Nesse contexto, também foi identificado pelo coletivo alguns homens dispostos a sair do lugar machista, dominador e opressor, para dar e construir o espaço para e com as mulheres. Alguns até se interessaram em desenvolver e aplicar um questionário para os homens do grupo, mas a ideia não foi levada adiante. Neste contexto, cada homem se mostra com suas percepções diferentes do feminismo, construídas a partir de suas experiências de vida. Com isso e talvez por isso, mantém-se a tensão entre a realidade das mulheres e a percepção deles do que estas enfrentam para ocupar os espaços políticos e sociais, de luta e formulação de conhecimento, além de precisarem advogar para não se manterem majoritariamente, ou



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

unicamente, responsáveis pelo espaço doméstico.

As mulheres do coletivo *Adelaides* passaram a reconhecer seu espaço e a construir sua voz explicitando que, mesmo atuando na saúde coletiva e em instituições de poder e tomada de decisões no SUS, tendo conquistado espaços importantes de formação e dedicação profissional, esse meio continua sendo comandado e protagonizado por homens, ficando a mulher em uma posição, geralmente complementar e até mesmo subalterna, ainda que as mulheres sejam maioria neste campo.

Considerações Finais

O relato aqui registrado apresentou e discutiu ações que, na visão das autoras, proporcionaram deslocamentos de afetos e saberes para as mulheres e para os homens envolvidos na intervenção. Destacam-se como principais ações mobilizadoras: as rodas de escuta dos incômodos das mulheres nos encontros políticos; o diálogo duradouro e sensível às questões de gênero através das redes sociais; o exercício de problematização da linguagem e dos padrões sexistas de comunicação presentes na atuação política junto às/aos pares; o desenvolvimento de uma pesquisa livre auto aplicada pelo próprio grupo de mulheres; a análise coletiva dos

dados e a avaliação da pesquisa-intervenção incluindo os homens do grupo político misto.

A prática inspirada na *Pesquisa Intervenção* possibilitou associar um momento de reconhecimento e (auto) análise do grupo com a implicação das próprias mulheres, interessadas nas mudanças que pudessem se desdobrar desse movimento-pesquisa, das análises sobre as relações de poder homens-mulheres instituídas socialmente e no próprio grupo estudado. O questionário e suas rodas de (auto) análise serviram como um verdadeiro dispositivo³ de desacomodação, sendo percebido pelo coletivo como estratégias feministas de enfrentamento da cultura patriarcal na política.

Além de facilitar um processo de auto-conhecimento e estruturação da própria identidade do coletivo *Adelaides*, os resultados do questionário *online* foram sistematizados e utilizados como instrumento em dois outros processos de intervenção externos ao grupo *Adelaides*: uma intervenção junto ao XX Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva, o ABRASCÃO, que articulou a realização de uma Mesa Redonda "A mulher na Saúde Coletiva: ciência, cuidado e resistência" e outra intervenção que deu origem à pesquisa "*Mulheres da Saúde*

³ Dispositivo é um arranjo produtor de inovações que dispara novos acontecimentos (BAREMBLITT, 1992).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Coletiva: um retrato de quem constrói o campo" aprovada pelo CEP 063486/2018; Os resultados preliminares do questionário que motivou a pesquisa e a intervenção no ABRASCÃO serão detalhados em outro artigo também publicado e trabalhado no XX Encontro REDOR de 2018.

Nós, mulheres ativistas e feministas, chegamos num ponto de nossas vidas em que não há mais volta. O nosso movimento de mulheres contra a opressão e o machismo, mesmo com tantas matizes diferentes que temos e somos, é planetário. Em cada sociedade, nas brechas, seguimos lutando contra o poder patriarcal que habita nossas culturas. Ocupamos um lugar-espaco-corpo que nos determina, forma e até nos extermina. Esse lugar tem dimensões coletivas e individuais e convidamos vocês, homens, a ficarem aqui conosco, nesse lugar incômodo, por alguns instantes a partir de agora e daqui pra frente. Um convite a uma ação transformativa pelos tempos.

Referências Bibliográficas

ABADEE, F., ROMANELLI G. Paternidade e paternagem em famílias patrifocais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 26(2): e50106, 2018.

BAREMBLITT, G. F. **Compêndio de análise institucional e outras correntes**: teoria e prática. - Rio de Janeiro : Rosa dos Tempos, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MATOS, M. **Revista de Sociologia e Política**. Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do Sul Global? Curitiba, v. 18, n. 36, p. 67-92, jun. 2010.

MOYA, P. (2001) **Chicana Feminism and Postmodernist Theory**. In McCann, C. R., & Kim, S. (2017). *Feminist theory reader: local and global perspectives*. (pp. 558-575). New York: Routledge.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento; Justificando, 2017. 112p.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 45-46.

ROMAGNOLI, R. C. O conceito de implicação e a pesquisa-intervenção institucionalista. **Psicologia e Sociedade**, 2014, 26 (1): 44-52.

ROSENBERG, M. B. **Comunicação não-violenta**: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais / Marshall B. Rosenberg ; [tradução Mário Vilela]. São Paulo: Ágora, 2006.

ⁱ A separação entre autora e co-autoras consta neste texto para seguir o regimento da publicação. De fato, todas dedicaram-se a escrita do artigo, sendo igualmente autoras do texto. Agradecimento especial à Grace Rosa, que contribuiu fazendo uma oportuna revisão crítica do texto.